

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA EM AS *MENINAS* DE LYGIA FAGUNDES TELLES

Pollyana dos Santos Silva Costa

Resumo:

Nesse artigo, procurarei demonstrar que a obra *As meninas* de Lygia Fagundes Telles é um romance de formação com protagonistas femininas que procura desconstruir a imagem de mulher aceita pelo senso comum e pela sociedade ocidental, em geral, que atribui a ela uma identidade feminina única e universal.

Palavras-Chave: Romance de Formação, Representação Feminina, Naturalização da mulher

Introdução:

Publicado por Lygia Fagundes Telles em 1973 (um dos períodos mais repressores da ditadura militar no Brasil), *As meninas* é um romance de formação (*Bildungsroman*) que tem como protagonistas três jovens mulheres: Lorena, Lia e Ana Clara. As três moram em um pensionato religioso e cada uma delas passa por uma trajetória cheia de obstáculos que irão ajudar a formar sua individualidade.

Antes de falar da obra propriamente dita, é importante definir o conceito de *Bildungsroman* e suas características. Segundo Maas (2000), a origem do gênero se dá no fim do séc. XVIII, na Alemanha, e tem como referência o romance de Goethe *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, no entanto, vários autores como Amrine (1987) citado por Schwantes (s/d: 13) defendem a ideia de que o *Bildungsroman* enquanto gênero não tenha origem definida e consensualmente aceita. O gênero representaria, portanto, uma história de desenvolvimento pessoal de um personagem comum em busca de sua individuação. Nesse processo de formação o protagonista conta sempre com a ajuda de um mentor ou mentores que o guiarão ao caminho do auto-aperfeiçoamento. Caminho esse que pressupõe a existência de fatores como educação formal e informal, relacionamentos amorosos, afastamento da

família por meio de uma viagem do protagonista e conflito de gerações. Tais características concorrem para um final bem sucedido para o protagonista e sua conseqüente inserção na sociedade, assim, ele encontra um lugar no mundo. Outra característica desse gênero é que ele possui o objetivo de educar seus leitores.

Considerando-se que o homem e a mulher ocupam lugares distintos na sociedade e que a *Bildung* (formação) feminina é necessariamente diferente da masculina, Schwantes (s/d: 31) lembra que os *Bildungsromane* com protagonistas femininas também apresentarão características diferentes daqueles protagonizados por personagens masculinos. Da mesma maneira, a formação feminina proletária é diferente da formação feminina burguesa, posto que a formação é marcada tanto pelo gênero quanto pela classe social e etnia do indivíduo.

Desta maneira, uma das características dos *Bildungsromane* femininos é que a viagem não é um quesito para a formação da protagonista. Na verdade ela ocorre quando a mulher sai do espaço privado (casa) para o espaço público. Além disso, a mãe da protagonista é interdita como mentora, o que reserva esse papel, geralmente, para o homem que a educa para casar com ele e ser mãe de seus filhos, podendo ser também assumido por uma mulher mais velha. Outro fator é que nesse gênero, a educação formal é menos importante que a educação informal (dada pelo mentor). Geralmente, as protagonistas terão dois casos de amor, um mal sucedido e outro bem sucedido, pode acontecer também dos dois serem mal sucedidos.

Dadas tais características, veremos que o romance *As Meninas* de Lygia Fagundes Telles se classifica como um *Bildungsroman* feminino. Note-se apenas que, por ser um romance com três protagonistas, não há espaço para a presença de todos os elementos característicos do gênero em todas as personagens, assim, eles aparecem divididos entre elas.

O foco narrativo do romance *As Meninas* é em 1ª pessoa e se desloca entre as três protagonistas, de maneira que cada uma delas fale de si e também das outras. No entanto, há também a presença de um narrador onisciente em 3ª pessoa. Tal característica permite que cada uma das protagonistas demonstre sua

personalidade e expresse sua visão de mundo, ou seja, todas têm voz na narrativa. O tempo que prevalece na narrativa é o psicológico usado para mostrar os episódios da infância das personagens e acontecimentos mais recentes que marcaram-na positiva ou negativamente.

Lorena é uma menina delicada, sensível, herdeira de uma fortuna e cursa a faculdade de Direito. Lia é uma jovem revolucionária, engajada nas lutas pelos direitos do povo, libertária, cursa faculdade de Ciências Sociais, tendo perdido o semestre por faltas. Ana Clara é uma mulher que se destaca pela beleza física, marcada pelos abusos sofridos na infância, viciada em drogas, estudante do curso de Psicologia (que trancou). Observe-se que cada personagem pertence a uma classe social distinta: Lorena à classe alta, Lia à classe média e Ana Clara à classe baixa.

A Representação Feminina na Obra:

Por meio destas três personagens tão diferentes, Telles mostra que as mulheres são seres individuais, únicos, cada uma com sua história de vida e visão de mundo. Assim, a autora desconstrói a idéia de identidade feminina única e universal. A construção da identidade feminina fundamentada nas características biológicas, segundo Suarez (1991), “acaba por definir a mulher enquanto categoria natural que, resistente às forças arbitrárias da cultura, da história e da pessoa, existe sempre única e imutável” (p.2). Ainda segundo a autora, essa construção da identidade feminina universal encontra-se no senso comum, segundo o qual a mulher é classificada como um ser amoroso, compreensivo e passivo, mas também está presente nos discursos científicos.

A tradição intelectual ocidental, por exemplo, utiliza-se do binômio “natureza” e “cultura” para explicar e descrever a existência dos seres (Suarez, 1991: 5). Assim, entende-se que tudo que há no mundo foi dado pela natureza ou foi feito pelo homem (cultural). Atente-se para o fato de que o discurso que sustenta tal dicotomia tem funções de domínio e poder dentro da sociedade. Segundo Foucault (2004), “em toda a sociedade a produção do discurso é controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função

conjurar seus poderes e perigos” (pp.8-9). Sendo assim, a mulher pertencente à categoria natureza, é também apreendida como uma categoria subordinável, invariável e imutável.

Diante de tais exposições, afirmo que em seu romance, Telles desconstrói a representação feminina universal, pois suas protagonistas diferenciam-se conforme o contexto histórico, cultural e social em que estão inseridas e constroem sua identidade a partir de suas próprias escolhas. As mulheres representadas na obra de Telles, como veremos a seguir, são assim, um resultado histórico (Beauvoir, 1980) e não uma categoria natural.

Lorena, à primeira vista, personifica o padrão de mulher criado e reforçado pela sociedade. É uma mulher prendada (sabe cozinhar, bordar e dançar balé), sensível, aseada, delicada e é virgem. Até seu tipo físico remete ao das heroínas românticas: é pálida, esguia, melancólica e é chamada de “Magnólia Desmaiada” pelos colegas da faculdade. No entanto, o estereótipo de donzela frágil vai sendo desconstruído no decorrer da narrativa. Lorena apresenta questionamentos sobre o sexo, masturbação, virgindade, que para ela não é um valor, mas um peso por ser carregada de valores atribuídos pela sociedade. A personagem vive em um período em que os jovens têm, quase por obrigação, que quebrar tradições, mas até essa obrigação se constitui em um tabu para Lorena, que fala acerca da virgindade:

Confesso que de vez em quando preciso falar nisso, provooco o assunto, alimento reações, me exponho a todas as conseqüências numa necessidade tão aguda de ficar centro-de-mesa. Mas de repente vem um pudor (não sei se será exatamente pudor) e não suporto a menor referência, problema meu, friso e levanto a cerca de arame, proibida a entrada de pessoas estranhas (p.114/115).

A personagem mostra ter consciência dessa violência cometida contra a mulher no seguinte trecho: “afirmação, querida. Sexo em ângulo aberto. Tanto tempo a mulher andou com ele fechado que agora precisa polemizar, coitadinha” (p. 113).

Lorena vive um trauma de infância, foi testemunha da morte de seu irmão, Rômulo, provocada acidentalmente por seu outro irmão, Remo. Tais

lembranças aparecem no romance por meio da evocação do passado feita, aos poucos, por Lorena. A personagem também sofre com as conseqüências causadas pela tragédia: a loucura e posterior morte do pai e a alienação da mãe que a deixou morando no pensionato para dedicar-se a um relacionamento com um homem muito mais jovem que ela. Lorena recusa o exemplo da mãe, fato que a interdita como mentora, pois ao invés de cuidar da filha, a mãe de Lorena precisa ser cuidada por ela, como pode-se observar no fragmento seguinte:

Só mãezinha que falou umas cinco horas comigo logo depois que você saiu. Quer que me mude ainda esta semana, já pensou? (...) Tenho que ir, Lião. O analista, Mieux e mais o drama da velhice. Sinistro esse drama, de repente ela ficou com cem anos. Precisa de mim (p. 256).

A mãe de Lorena que não possui nome na trama (é apenas chamada por todos de ‘mãezinha’) é uma mulher rica, herdeira da fortuna do falecido marido e tipifica a mulher burguesa que, apesar de não ter problemas financeiros, vive sob discriminação política, já que não possui poder de decisão perante a sociedade. Tem um relacionamento com um homem bem mais novo que ela (Mieux), que se aproveita de sua personalidade fraca para controlar e gastar os bens da família. É ele inclusive quem decide que Lorena deve morar em uma pensão. Assim, “mãezinha” gasta seu tempo em salões, boutiques e clínicas cirúrgicas, pois tem medo de envelhecer. Em um dado momento desabafa com Lia acerca de Mieux: “me obrigava a sair quase todas as noites, festas, festas... Eu não queria ir mas ia, mais vestidos, mais cabeleireiros... andava com o couro cabeludo ardendo de tanta tintura” (p. 238). No fim do romance a mãe de Lorena demonstra ter aversão pelo marido que a rouba, trai e humilha, no entanto seu relacionamento só acaba porque ele a abandona.

Na maior parte da narrativa parece que Lorena não tem mentor, aprende sozinha com as experiências que vai vivendo. Porém, no desfecho da narrativa, observa-se que Lia é uma mentora de Lorena. Ela aconselha a amiga a esquecer o amor platônico que tinha por Marcus Nemesius (M. N.) e a não ficar muito tempo na casa da “mãezinha”:

Você tem que viver sua vida ao seu modo e não do modo que os outros decidem, ô, Lena, Lena, não sei explicar, mas aquela história do Tempo devorando os filhos [...] Mas de verdade não é o tempo que engole a gente, é um tipo de mãe como a sua. Um pouco como a minha, também. Presta atenção, salta fora e ela vai se dedicar a outra causa (p. 257).

Lorena passa por uma educação formal (curso faculdade, lê muito, se interessa pelas artes) e pela educação informal que se dá principalmente por meio da convivência com as amigas e a reflexão que faz dos acontecimentos.

A personagem nutre uma paixão platônica por M. N., um médico de meia idade, casado e que tem cinco filhos. O contato que mantém com ele acontece mais por cartas e o amado não demonstra interesse por Lorena. Depois de passar a maior parte do romance esperando um telefonema de M. N., Lorena é convencida por Lia que tal relacionamento jamais se concretizará. No desfecho da trama se avista um possível romance da personagem com Guga (rapaz que gosta de Lorena e que foi aconselhado por Lia a insistir com a amiga), mas ele não se concretiza até o final do romance.

Lia parece ser o extremo oposto de Lorena. Representa a mulher revolucionária, politizada e interessada nas questões sociais do país. É chamada de “Lião” por Lorena, apelido que revela sua personalidade forte e marcante. Lia participa de um grupo de esquerda que luta contra a ditadura militar que governava o Brasil na época. Vive o trauma de ver seu namorado preso pelo regime e alguns de seus amigos mortos ou desaparecidos. No entanto, não se intimida com a possibilidade de também ser presa e continua participando de ações revolucionárias (algumas das quais eram patrocinadas pelo dinheiro de Lorena). Seu nome de guerra na milícia é Rosa de Luxemburgo (referência que Telles faz à líder revolucionária que foi assassinada pela polícia alemã em 1919).

Lia é uma baiana que vai para São Paulo estudar, pois sente a necessidade de se afastar da família que, embora bem estruturada, a ‘abafa’ com tanto amor, especialmente sua mãe superprotetora, que nesse caso também é interdita como mentora.

Embora encarnando o papel da mulher independente, Lia tem como mentor

Miguel, seu namorado. De certa forma, é Miguel quem a insere na milícia e a ensina a resistir e permanecer firme na luta. Desta maneira, Miguel ao mesmo tempo é o mentor e o caso de amor de Lia, semelhantemente ao que ocorre nos romances do séc. XIX, em que o mentor da protagonista será um homem que a educa para casar com ele (Schwantes, s/d;43). No entanto, Lia também aparece na trama como mentora de Pedro, um jovem integrante do grupo, na medida em que tem um relacionamento com ele e o inicia sexualmente, com o claro objetivo de livrá-lo do “peso do sexo”. Acredito que Lia tem somente um caso de amor bem sucedido com Miguel, pois seu relacionamento com Pedro não se enquadraria em um caso amoroso.

A personagem também, a princípio, parece ser liberal e livre de preconceitos. É consciente da pressão social exercida com relação à sexualidade feminina e, por isso, é contra ela:

Não suporto nem o pânico nem a declaração de princípios, nem acoelhamento nem provocação. Minha tia-avó ficou tão avariada com o peso do sexo que se escondeu num convento, virou freira. Uma outra tia que gostava de polêmica fez tantas que acabou puta. O mesmo medo, o mesmo medo. Se a gente não tivesse mais medo (p.133).No entanto, Lia não é totalmente liberal, posiciona-se, por exemplo, contra o casamento de padres, mostra-se completamente apaixonada e dependente do namorado Miguel e revela seu desejo de ter com ele filhos e levar uma vida tranqüila. E é com esse desejo que vai para a Argélia (onde Miguel se encontrava exilado).

Por meio das características de Lorena e Lia até agora expostas, pode-se perceber que as personalidades das duas, ao mesmo tempo em que se opõem, se cruzam e se completam. Lorena não é totalmente o tipo de mulher frágil, sensível, e incapaz, afinal de contas é ela quem se livra do corpo de Ana Clara cuidando para que Lia não se complique. E como já vimos, Lia não é completamente livre dos valores colocados pela sociedade:

- Outra hora vamos discutir esse assunto [...] Acho apenas que você nunca será como eu e eu nunca serei como você, não é simples? E não é complicado?

Lorena acompanhou-a até a porta. Arrumou-lhe a fralda da camisa desabando sobre a calça.

- Você mesmo disse que não tem nunca, lembra? Não estamos vivas? E se um dia lá em Cananéia eu for metralhada a *las cinco em punto de la tarde*? E se você entrar para um convento na Espanha? (p. 218).

Telles demonstra, por meio dessas duas personagens, que a mulher, tanto quanto o homem, é um ser social, histórico e cultural e está em constante mutação. Não havendo, portanto, segundo a representação da autora, uma identidade feminina universal.

Já Ana Clara é a mulher problemática, desequilibrada e dependente de drogas. Aparece pela primeira vez na trama no quarto do namorado Max (onde, aliás, permanecerá a maior parte do romance) com quem se droga constantemente.

Chamada de Ana Turva pelas amigas, a personagem busca no vício o refúgio e a alternativa para esquecer os abusos sofridos na infância. Embora Ana Clara ame Max, declara não ter prazer com ele nem com ninguém. A personagem se sente como um mero objeto destinado a satisfazer os homens, pois foi assim desde sua infância quando foi estuprada pelo dentista que também teve um caso com sua mãe.

Telles aponta que o vício e as atitudes de Ana Clara são consequências de sua infância miserável e a vida que levava ao lado da mãe, a quem constantemente via ser espancada por diversos amantes, ou seja, o destino de Ana Clara é consequência de sua formação. A relação de Ana Clara com a mãe (que havia cometido suicídio) é de ódio e negação, pois esta nunca a protegeu e a sujeitava a situações terríveis. A personagem compara a mãe com insetos como a barata (recorrente nas alucinações de Ana) e a formiga:

Não tive pena nem nada quando ela veio me dizer que tinha que tirar mais um filho porque o Sérgio não queria nem saber [...] Uivou de desgosto o dia inteiro e nessa noite mesmo tomou formicida. Morreu mais encolhida do que uma formiga, nunca pensei que ela fosse assim pequena. Escureceu e encolheu como uma formiga e o formigueiro acabou (...) Quando voltei de noitinha a primeira coisa que vi foi a lata aberta no chão. Fiquei

olhando. Não chorei nem nada mas porque havia! Não senti nada. Tinha a cara no travesseiro manchado e o corpo encolhido e retorcido como a formiga no rótulo da lata (p. 84).

Ana Clara fica assim, sozinha no mundo, sente falta de uma família e vê na figura de Madre Alix uma referência. Embora seja a mentora de Ana Clara, a madre não consegue exercer nela influência capaz de livra-lhe do vício e encaminhá-la na vida.

E por ter sido vítima dessa sociedade que a oprime, como Lia sempre fala, Ana Clara morre devido a uma overdose. Ao sentir a dor no coração, acredita estar duelando com uma barata que a atinge de cheio no peito, conforme se observa: “Olhou mais de perto e escondeu o peito mas era tarde: o florete varou de lado a lado [...] – Não quero mais – gemeu”. Desistindo da vida em que não tinha espaço.

Considerações Finais:

A partir dessa breve análise, observa-se que cada protagonista do romance de Telles apresenta características físicas e psicológicas distintas. Essas últimas, determinadas tanto pela classe social em que as personagens estão inseridas quanto pela história de vida de cada uma.

No entanto, o fato é que as três personagens apresentam um aspecto em comum: todas manifestam a dependência com relação ao sexo oposto. Seja por solidão, como no caso de Lorena, seja por ser dependente da pessoa amada, como Lia, ou pelo desejo de ter um homem que banque seus gastos, como Ana Clara, as protagonistas do romance têm a necessidade da presença masculina para se sentirem completas.

Segundo Saffioti (1976), psicanalista estudiosa da condição da mulher no mundo capitalista, as idéias sobre a condição inferior feminina continuam em voga. Para a autora, tanto nas sociedades pré-capitalistas, quanto nas pós, a felicidade da mulher incluía necessariamente o casamento, pois, sendo ela um ser frágil, débil e inferior, necessitava de alguém para protegê-la.

Apesar da revolução sexual implantada pelo feminismo e da conseqüente

quebra de tabus com relação ao sexo feminino, a *naturalização* a que a mulher sempre foi submetida é tão forte que até mesmo as próprias mulheres endossam o preconceito, pois interiorizam a lógica do pensamento cultural e acabam assumindo a “inferioridade feminina” (Ortner, 1979: 96).

No texto de Telles, observa-se que, apesar das personagens viverem em um momento de mudança na sociedade marcado pelo desejo de libertação de conceitos determinados pela cultura e quebra de paradigmas, as mulheres não conseguem romper totalmente com o que já está pré-determinado socialmente.

Lorena é uma mulher que se sente só e deseja um homem que viva a seu lado: “Não peço nada em seguida, vou me embora para sempre mas antes você precisa me amar, tem que ser você, está me ouvindo.”, refere-se a M. N. E em outro momento: “Se ao menos Fabrízio me telefonasse!”

Lia, a mulher que parece ser racional, surpreende-se ao perceber como muda ao lado de Miguel: “A alegria que senti quando ele me propôs: Vamos tomar uma média? [...] Não sei explicar, eu disse, mas se você for preso, vou e me entrego também.”

E Ana Clara, imaginando o dia em que chegará um príncipe (ou milionário) para salvá-la: “Eu iria à festa com meus trapos mas quando o príncipe me visse entre as debilóides das princesas”.

Chodorow (1979: 67) explica que a dependência feminina se dá por meio do conceito de aprendizagem de papel sexual. A autora diz que, desde quando nascem, as meninas são ensinadas pelas mães – que também aprenderam das mães- a serem femininas e virarem boas mães e esposas. Assim, embora a sociedade passe por transformações, os valores passados de geração a geração perpetuam o papel tradicional da mulher: ser mãe.

Lia revela seu desejo:

Miguel não quer saber de filhos, pelo menos por enquanto. Concordei, é evidente, mas tenho às vezes tanta vontade de me deitar como essa gata plena até a saciedade, tão penetrada e compenetrada da sua gravidez que não tem no corpo lotado espaço sequer pra um fiapo de palha (p. 218).

Também segundo Chodorow, (idem) “a maternidade e o papel materno parecem ser as características mais importantes na consideração do *status* secundário universal feminino”.

Ou seja, na sociedade o papel principal da mulher sempre foi, e ao que parece continua sendo, o de gerar filhos. E essa seria a única forma de a mulher se realizar. Segundo Rosaldo (1979:25), “enquanto a mulher for definida universalmente em termos de um papel amplamente maternal e doméstico, seremos responsáveis por sua subordinação universal”.

No romance de Telles, as protagonistas são colocadas em uma situação de relativa igualdade com relação aos homens, já que apresentam características geralmente atribuídas a eles, tais como, inteligência, capacidade e poder de decisão, interesse em assuntos políticos, etc. No entanto, apesar da tentativa da autora em romper com a imagem de mulher estabelecida pela sociedade, observa-se que um aspecto dessa imagem permanece no romance: a *naturalização* da mulher. A extrema sensibilidade e delicadeza de Lorena, a o desejo de Lia de ser mãe e seu amor dependente por Miguel e a espera constante de Ana Clara por um homem que a sustente são exemplos dessa *naturalização*.

Portanto, observa-se que a representação feminina presente no texto não se desvincula totalmente dos valores atribuídos socialmente à mulher. Posto que, por mais que se procure desconstruir a imagem criada e determinada pela cultura, deve-se ter em mente que todo texto é um elemento cultural e todo autor, um ser social impregnado dos traços da cultura em que se insere.

REFERÊNCIAS:

AMRINE, Frederick. "Rethinking the Bildungsroman." Michigan Germanic Studies. Vol. 13 Iss 2, 1987.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. São Paulo: Europa do Livro, 1980.

CHODOROW, Nancy. "Estrutura familiar e personalidade feminina." In ROSALDO, Michele & LAMPHERE, Louise (org.) *A mulher, a cultura e a sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 10ª Ed. São Paulo: Loyola, 2004.

MAAS, Wilma Patrícia. *O cânone mínimo: O Bildungsroman na história da literatura*. São Paulo: EdUNESP, 2000.

ORTNER, Sherry. "Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura?" In ROSALDO, Michele & LAMPHERE, Louise (org.) *A mulher, a cultura e a sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

ROSALDO, Michele. "A mulher, a cultura e a sociedade: uma revisão teórica." In ROSALDO, Michele & LAMPHERE, Louise (org.) *A mulher, a cultura e a sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

SAFFIOTI, Heleieth. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. Petrópolis; Vozes, 1976.

SCHWANTES, Cíntia. *Interferindo no cânone: a questão do Bildungsroman feminino com elementos góticos*.s/d.

SUÁREZ, Mireya. "Desconstrução das categorias 'mulher' e 'negro'". In Série Antropologia 133: XV encontro anual ANPOCS. Caxambu, 1992.

TELLES, Lygia Fagundes. *As meninas*. 32ª Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA EM AS *MENINAS* DE LYGIA FAGUNDES TELLES

Pollyana dos Santos Silva Costa

Resumo:

Nesse artigo, procurarei demonstrar que a obra *As meninas* de Lygia Fagundes Telles é um romance de formação com protagonistas femininas que procura desconstruir a imagem de mulher aceita pelo senso comum e pela sociedade ocidental, em geral, que atribui a ela uma identidade feminina única e universal.

Palavras-Chave: Romance de Formação, Representação Feminina, Naturalização da mulher

Introdução:

Publicado por Lygia Fagundes Telles em 1973 (um dos períodos mais repressores da ditadura militar no Brasil), *As meninas* é um romance de formação (*Bildungsroman*) que tem como protagonistas três jovens mulheres: Lorena, Lia e Ana Clara. As três moram em um pensionato religioso e cada uma delas passa por uma trajetória cheia de obstáculos que irão ajudar a formar sua individualidade.

Antes de falar da obra propriamente dita, é importante definir o conceito de *Bildungsroman* e suas características. Segundo Maas (2000), a origem do gênero se dá no fim do séc. XVIII, na Alemanha, e tem como referência o romance de Goethe *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, no entanto, vários autores como Amrine (1987) citado por Schwantes (s/d: 13) defendem a ideia de que o *Bildungsroman* enquanto gênero não tenha origem definida e consensualmente aceita. O gênero representaria, portanto, uma história de desenvolvimento pessoal de um personagem comum em busca de sua individuação. Nesse processo de formação o protagonista conta sempre com a ajuda de um mentor ou mentores que o guiarão ao caminho do auto-aperfeiçoamento. Caminho esse que pressupõe a existência de fatores como educação formal e informal, relacionamentos amorosos, afastamento da

família por meio de uma viagem do protagonista e conflito de gerações. Tais características concorrem para um final bem sucedido para o protagonista e sua conseqüente inserção na sociedade, assim, ele encontra um lugar no mundo. Outra característica desse gênero é que ele possui o objetivo de educar seus leitores.

Considerando-se que o homem e a mulher ocupam lugares distintos na sociedade e que a *Bildung* (formação) feminina é necessariamente diferente da masculina, Schwantes (s/d: 31) lembra que os *Bildungsromane* com protagonistas femininas também apresentarão características diferentes daqueles protagonizados por personagens masculinos. Da mesma maneira, a formação feminina proletária é diferente da formação feminina burguesa, posto que a formação é marcada tanto pelo gênero quanto pela classe social e etnia do indivíduo.

Desta maneira, uma das características dos *Bildungsromane* femininos é que a viagem não é um quesito para a formação da protagonista. Na verdade ela ocorre quando a mulher sai do espaço privado (casa) para o espaço público. Além disso, a mãe da protagonista é interdita como mentora, o que reserva esse papel, geralmente, para o homem que a educa para casar com ele e ser mãe de seus filhos, podendo ser também assumido por uma mulher mais velha. Outro fator é que nesse gênero, a educação formal é menos importante que a educação informal (dada pelo mentor). Geralmente, as protagonistas terão dois casos de amor, um mal sucedido e outro bem sucedido, pode acontecer também dos dois serem mal sucedidos.

Dadas tais características, veremos que o romance *As Meninas* de Lygia Fagundes Telles se classifica como um *Bildungsroman* feminino. Note-se apenas que, por ser um romance com três protagonistas, não há espaço para a presença de todos os elementos característicos do gênero em todas as personagens, assim, eles aparecem divididos entre elas.

O foco narrativo do romance *As Meninas* é em 1ª pessoa e se desloca entre as três protagonistas, de maneira que cada uma delas fale de si e também das outras. No entanto, há também a presença de um narrador onisciente em 3ª pessoa. Tal característica permite que cada uma das protagonistas demonstre sua

personalidade e expresse sua visão de mundo, ou seja, todas têm voz na narrativa. O tempo que prevalece na narrativa é o psicológico usado para mostrar os episódios da infância das personagens e acontecimentos mais recentes que marcaram-na positiva ou negativamente.

Lorena é uma menina delicada, sensível, herdeira de uma fortuna e cursa a faculdade de Direito. Lia é uma jovem revolucionária, engajada nas lutas pelos direitos do povo, libertária, cursa faculdade de Ciências Sociais, tendo perdido o semestre por faltas. Ana Clara é uma mulher que se destaca pela beleza física, marcada pelos abusos sofridos na infância, viciada em drogas, estudante do curso de Psicologia (que trancou). Observe-se que cada personagem pertence a uma classe social distinta: Lorena à classe alta, Lia à classe média e Ana Clara à classe baixa.

A Representação Feminina na Obra:

Por meio destas três personagens tão diferentes, Telles mostra que as mulheres são seres individuais, únicos, cada uma com sua história de vida e visão de mundo. Assim, a autora desconstrói a idéia de identidade feminina única e universal. A construção da identidade feminina fundamentada nas características biológicas, segundo Suarez (1991), “acaba por definir a mulher enquanto categoria natural que, resistente às forças arbitrarias da cultura, da história e da pessoa, existe sempre única e imutável” (p.2). Ainda segundo a autora, essa construção da identidade feminina universal encontra-se no senso comum, segundo o qual a mulher é classificada como um ser amoroso, compreensivo e passivo, mas também está presente nos discursos científicos.

A tradição intelectual ocidental, por exemplo, utiliza-se do binômio “natureza” e “cultura” para explicar e descrever a existência dos seres (Suarez, 1991: 5). Assim, entende-se que tudo que há no mundo foi dado pela natureza ou foi feito pelo homem (cultural). Atente-se para o fato de que o discurso que sustenta tal dicotomia tem funções de domínio e poder dentro da sociedade. Segundo Foucault (2004), “em toda a sociedade a produção do discurso é controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função

conjurar seus poderes e perigos” (pp.8-9). Sendo assim, a mulher pertencente à categoria natureza, é também apreendida como uma categoria subordinável, invariável e imutável.

Diante de tais exposições, afirmo que em seu romance, Telles desconstrói a representação feminina universal, pois suas protagonistas diferenciam-se conforme o contexto histórico, cultural e social em que estão inseridas e constroem sua identidade a partir de suas próprias escolhas. As mulheres representadas na obra de Telles, como veremos a seguir, são assim, um resultado histórico (Beauvoir, 1980) e não uma categoria natural.

Lorena, à primeira vista, personifica o padrão de mulher criado e reforçado pela sociedade. É uma mulher prendada (sabe cozinhar, bordar e dançar balé), sensível, aseada, delicada e é virgem. Até seu tipo físico remete ao das heroínas românticas: é pálida, esguia, melancólica e é chamada de “Magnólia Desmaiada” pelos colegas da faculdade. No entanto, o estereótipo de donzela frágil vai sendo desconstruído no decorrer da narrativa. Lorena apresenta questionamentos sobre o sexo, masturbação, virgindade, que para ela não é um valor, mas um peso por ser carregada de valores atribuídos pela sociedade. A personagem vive em um período em que os jovens têm, quase por obrigação, que quebrar tradições, mas até essa obrigação se constitui em um tabu para Lorena, que fala acerca da virgindade:

Confesso que de vez em quando preciso falar nisso, provooco o assunto, alimento reações, me exponho a todas as conseqüências numa necessidade tão aguda de ficar centro-de-mesa. Mas de repente vem um pudor (não sei se será exatamente pudor) e não suporto a menor referência, problema meu, friso e levanto a cerca de arame, proibida a entrada de pessoas estranhas (p.114/115).

A personagem mostra ter consciência dessa violência cometida contra a mulher no seguinte trecho: “afirmação, querida. Sexo em ângulo aberto. Tanto tempo a mulher andou com ele fechado que agora precisa polemizar, coitadinha” (p. 113).

Lorena vive um trauma de infância, foi testemunha da morte de seu irmão, Rômulo, provocada acidentalmente por seu outro irmão, Remo. Tais

lembranças aparecem no romance por meio da evocação do passado feita, aos poucos, por Lorena. A personagem também sofre com as conseqüências causadas pela tragédia: a loucura e posterior morte do pai e a alienação da mãe que a deixou morando no pensionato para dedicar-se a um relacionamento com um homem muito mais jovem que ela. Lorena recusa o exemplo da mãe, fato que a interdita como mentora, pois ao invés de cuidar da filha, a mãe de Lorena precisa ser cuidada por ela, como pode-se observar no fragmento seguinte:

Só mãezinha que falou umas cinco horas comigo logo depois que você saiu. Quer que me mude ainda esta semana, já pensou? (...) Tenho que ir, Lião. O analista, Mieux e mais o drama da velhice. Sinistro esse drama, de repente ela ficou com cem anos. Precisa de mim (p. 256).

A mãe de Lorena que não possui nome na trama (é apenas chamada por todos de ‘mãezinha’) é uma mulher rica, herdeira da fortuna do falecido marido e tipifica a mulher burguesa que, apesar de não ter problemas financeiros, vive sob discriminação política, já que não possui poder de decisão perante a sociedade. Tem um relacionamento com um homem bem mais novo que ela (Mieux), que se aproveita de sua personalidade fraca para controlar e gastar os bens da família. É ele inclusive quem decide que Lorena deve morar em uma pensão. Assim, “mãezinha” gasta seu tempo em salões, boutiques e clínicas cirúrgicas, pois tem medo de envelhecer. Em um dado momento desabafa com Lia acerca de Mieux: “me obrigava a sair quase todas as noites, festas, festas... Eu não queria ir mas ia, mais vestidos, mais cabeleireiros... andava com o couro cabeludo ardendo de tanta tintura” (p. 238). No fim do romance a mãe de Lorena demonstra ter aversão pelo marido que a rouba, trai e humilha, no entanto seu relacionamento só acaba porque ele a abandona.

Na maior parte da narrativa parece que Lorena não tem mentor, aprende sozinha com as experiências que vai vivendo. Porém, no desfecho da narrativa, observa-se que Lia é uma mentora de Lorena. Ela aconselha a amiga a esquecer o amor platônico que tinha por Marcus Nemesius (M. N.) e a não ficar muito tempo na casa da “mãezinha”:

Você tem que viver sua vida ao seu modo e não do modo que os outros decidem, ô, Lena, Lena, não sei explicar, mas aquela história do Tempo devorando os filhos [...] Mas de verdade não é o tempo que engole a gente, é um tipo de mãe como a sua. Um pouco como a minha, também. Presta atenção, salta fora e ela vai se dedicar a outra causa (p. 257).

Lorena passa por uma educação formal (curso faculdade, lê muito, se interessa pelas artes) e pela educação informal que se dá principalmente por meio da convivência com as amigas e a reflexão que faz dos acontecimentos.

A personagem nutre uma paixão platônica por M. N., um médico de meia idade, casado e que tem cinco filhos. O contato que mantém com ele acontece mais por cartas e o amado não demonstra interesse por Lorena. Depois de passar a maior parte do romance esperando um telefonema de M. N., Lorena é convencida por Lia que tal relacionamento jamais se concretizará. No desfecho da trama se avista um possível romance da personagem com Guga (rapaz que gosta de Lorena e que foi aconselhado por Lia a insistir com a amiga), mas ele não se concretiza até o final do romance.

Lia parece ser o extremo oposto de Lorena. Representa a mulher revolucionária, politizada e interessada nas questões sociais do país. É chamada de “Lião” por Lorena, apelido que revela sua personalidade forte e marcante. Lia participa de um grupo de esquerda que luta contra a ditadura militar que governava o Brasil na época. Vive o trauma de ver seu namorado preso pelo regime e alguns de seus amigos mortos ou desaparecidos. No entanto, não se intimida com a possibilidade de também ser presa e continua participando de ações revolucionárias (algumas das quais eram patrocinadas pelo dinheiro de Lorena). Seu nome de guerra na milícia é Rosa de Luxemburgo (referência que Telles faz à líder revolucionária que foi assassinada pela polícia alemã em 1919).

Lia é uma baiana que vai para São Paulo estudar, pois sente a necessidade de se afastar da família que, embora bem estruturada, a ‘abafa’ com tanto amor, especialmente sua mãe superprotetora, que nesse caso também é interdita como mentora.

Embora encarnando o papel da mulher independente, Lia tem como mentor

Miguel, seu namorado. De certa forma, é Miguel quem a insere na milícia e a ensina a resistir e permanecer firme na luta. Desta maneira, Miguel ao mesmo tempo é o mentor e o caso de amor de Lia, semelhantemente ao que ocorre nos romances do séc. XIX, em que o mentor da protagonista será um homem que a educa para casar com ele (Schwantes, s/d;43). No entanto, Lia também aparece na trama como mentora de Pedro, um jovem integrante do grupo, na medida em que tem um relacionamento com ele e o inicia sexualmente, com o claro objetivo de livrá-lo do “peso do sexo”. Acredito que Lia tem somente um caso de amor bem sucedido com Miguel, pois seu relacionamento com Pedro não se enquadraria em um caso amoroso.

A personagem também, a princípio, parece ser liberal e livre de preconceitos. É consciente da pressão social exercida com relação à sexualidade feminina e, por isso, é contra ela:

Não suporto nem o pânico nem a declaração de princípios, nem acoelhamento nem provocação. Minha tia-avó ficou tão avariada com o peso do sexo que se escondeu num convento, virou freira. Uma outra tia que gostava de polêmica fez tantas que acabou puta. O mesmo medo, o mesmo medo. Se a gente não tivesse mais medo (p.133).No entanto, Lia não é totalmente liberal, posiciona-se, por exemplo, contra o casamento de padres, mostra-se completamente apaixonada e dependente do namorado Miguel e revela seu desejo de ter com ele filhos e levar uma vida tranqüila. E é com esse desejo que vai para a Argélia (onde Miguel se encontrava exilado).

Por meio das características de Lorena e Lia até agora expostas, pode-se perceber que as personalidades das duas, ao mesmo tempo em que se opõem, se cruzam e se completam. Lorena não é totalmente o tipo de mulher frágil, sensível, e incapaz, afinal de contas é ela quem se livra do corpo de Ana Clara cuidando para que Lia não se complique. E como já vimos, Lia não é completamente livre dos valores colocados pela sociedade:

- Outra hora vamos discutir esse assunto [...] Acho apenas que você nunca será como eu e eu nunca serei como você, não é simples? E não é complicado?

Lorena acompanhou-a até a porta. Arrumou-lhe a fralda da camisa desabando sobre a calça.

- Você mesmo disse que não tem nunca, lembra? Não estamos vivas? E se um dia lá em Cananéia eu for metralhada a *las cinco em punto de la tarde*? E se você entrar para um convento na Espanha? (p. 218).

Telles demonstra, por meio dessas duas personagens, que a mulher, tanto quanto o homem, é um ser social, histórico e cultural e está em constante mutação. Não havendo, portanto, segundo a representação da autora, uma identidade feminina universal.

Já Ana Clara é a mulher problemática, desequilibrada e dependente de drogas. Aparece pela primeira vez na trama no quarto do namorado Max (onde, aliás, permanecerá a maior parte do romance) com quem se droga constantemente.

Chamada de Ana Turva pelas amigas, a personagem busca no vício o refúgio e a alternativa para esquecer os abusos sofridos na infância. Embora Ana Clara ame Max, declara não ter prazer com ele nem com ninguém. A personagem se sente como um mero objeto destinado a satisfazer os homens, pois foi assim desde sua infância quando foi estuprada pelo dentista que também teve um caso com sua mãe.

Telles aponta que o vício e as atitudes de Ana Clara são consequências de sua infância miserável e a vida que levava ao lado da mãe, a quem constantemente via ser espancada por diversos amantes, ou seja, o destino de Ana Clara é consequência de sua formação. A relação de Ana Clara com a mãe (que havia cometido suicídio) é de ódio e negação, pois esta nunca a protegeu e a sujeitava a situações terríveis. A personagem compara a mãe com insetos como a barata (recorrente nas alucinações de Ana) e a formiga:

Não tive pena nem nada quando ela veio me dizer que tinha que tirar mais um filho porque o Sérgio não queria nem saber [...] Uivou de desgosto o dia inteiro e nessa noite mesmo tomou formicida. Morreu mais encolhida do que uma formiga, nunca pensei que ela fosse assim pequena. Escureceu e encolheu como uma formiga e o formigueiro acabou (...) Quando voltei de noitinha a primeira coisa que vi foi a lata aberta no chão. Fiquei

olhando. Não chorei nem nada mas porque havia! Não senti nada. Tinha a cara no travesseiro manchado e o corpo encolhido e retorcido como a formiga no rótulo da lata (p. 84).

Ana Clara fica assim, sozinha no mundo, sente falta de uma família e vê na figura de Madre Alix uma referência. Embora seja a mentora de Ana Clara, a madre não consegue exercer nela influência capaz de livra-lhe do vício e encaminhá-la na vida.

E por ter sido vítima dessa sociedade que a oprime, como Lia sempre fala, Ana Clara morre devido a uma overdose. Ao sentir a dor no coração, acredita estar duelando com uma barata que a atinge de cheio no peito, conforme se observa: “Olhou mais de perto e escondeu o peito mas era tarde: o florete varou de lado a lado [...] – Não quero mais – gemeu”. Desistindo da vida em que não tinha espaço.

Considerações Finais:

A partir dessa breve análise, observa-se que cada protagonista do romance de Telles apresenta características físicas e psicológicas distintas. Essas últimas, determinadas tanto pela classe social em que as personagens estão inseridas quanto pela história de vida de cada uma.

No entanto, o fato é que as três personagens apresentam um aspecto em comum: todas manifestam a dependência com relação ao sexo oposto. Seja por solidão, como no caso de Lorena, seja por ser dependente da pessoa amada, como Lia, ou pelo desejo de ter um homem que banque seus gastos, como Ana Clara, as protagonistas do romance têm a necessidade da presença masculina para se sentirem completas.

Segundo Saffioti (1976), psicanalista estudiosa da condição da mulher no mundo capitalista, as idéias sobre a condição inferior feminina continuam em voga. Para a autora, tanto nas sociedades pré-capitalistas, quanto nas pós, a felicidade da mulher incluía necessariamente o casamento, pois, sendo ela um ser frágil, débil e inferior, necessitava de alguém para protegê-la.

Apesar da revolução sexual implantada pelo feminismo e da conseqüente

quebra de tabus com relação ao sexo feminino, a *naturalização* a que a mulher sempre foi submetida é tão forte que até mesmo as próprias mulheres endossam o preconceito, pois interiorizam a lógica do pensamento cultural e acabam assumindo a “inferioridade feminina” (Ortner, 1979: 96).

No texto de Telles, observa-se que, apesar das personagens viverem em um momento de mudança na sociedade marcado pelo desejo de libertação de conceitos determinados pela cultura e quebra de paradigmas, as mulheres não conseguem romper totalmente com o que já está pré-determinado socialmente.

Lorena é uma mulher que se sente só e deseja um homem que viva a seu lado: “Não peço nada em seguida, vou me embora para sempre mas antes você precisa me amar, tem que ser você, está me ouvindo.”, refere-se a M. N. E em outro momento: “Se ao menos Fabrízio me telefonasse!”

Lia, a mulher que parece ser racional, surpreende-se ao perceber como muda ao lado de Miguel: “A alegria que senti quando ele me propôs: Vamos tomar uma média? [...] Não sei explicar, eu disse, mas se você for preso, vou e me entrego também.”

E Ana Clara, imaginando o dia em que chegará um príncipe (ou milionário) para salvá-la: “Eu iria à festa com meus trapos mas quando o príncipe me visse entre as debilóides das princesas”.

Chodorow (1979: 67) explica que a dependência feminina se dá por meio do conceito de aprendizagem de papel sexual. A autora diz que, desde quando nascem, as meninas são ensinadas pelas mães – que também aprenderam das mães- a serem femininas e virarem boas mães e esposas. Assim, embora a sociedade passe por transformações, os valores passados de geração a geração perpetuam o papel tradicional da mulher: ser mãe.

Lia revela seu desejo:

Miguel não quer saber de filhos, pelo menos por enquanto. Concordei, é evidente, mas tenho às vezes tanta vontade de me deitar como essa gata plena até a saciedade, tão penetrada e compenetrada da sua gravidez que não tem no corpo lotado espaço sequer pra um fiapo de palha (p. 218).

Também segundo Chodorow, (idem) “a maternidade e o papel materno parecem ser as características mais importantes na consideração do *status* secundário universal feminino”.

Ou seja, na sociedade o papel principal da mulher sempre foi, e ao que parece continua sendo, o de gerar filhos. E essa seria a única forma de a mulher se realizar. Segundo Rosaldo (1979:25), “enquanto a mulher for definida universalmente em termos de um papel amplamente maternal e doméstico, seremos responsáveis por sua subordinação universal”.

No romance de Telles, as protagonistas são colocadas em uma situação de relativa igualdade com relação aos homens, já que apresentam características geralmente atribuídas a eles, tais como, inteligência, capacidade e poder de decisão, interesse em assuntos políticos, etc. No entanto, apesar da tentativa da autora em romper com a imagem de mulher estabelecida pela sociedade, observa-se que um aspecto dessa imagem permanece no romance: a *naturalização* da mulher. A extrema sensibilidade e delicadeza de Lorena, a o desejo de Lia de ser mãe e seu amor dependente por Miguel e a espera constante de Ana Clara por um homem que a sustente são exemplos dessa *naturalização*.

Portanto, observa-se que a representação feminina presente no texto não se desvincula totalmente dos valores atribuídos socialmente à mulher. Posto que, por mais que se procure desconstruir a imagem criada e determinada pela cultura, deve-se ter em mente que todo texto é um elemento cultural e todo autor, um ser social impregnado dos traços da cultura em que se insere.

REFERÊNCIAS:

AMRINE, Frederick. "Rethinking the Bildungsroman." Michigan Germanic Studies. Vol. 13 Iss 2, 1987.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. São Paulo: Europa do Livro, 1980.

CHODOROW, Nancy. "Estrutura familiar e personalidade feminina." In ROSALDO, Michele & LAMPHERE, Louise (org.) *A mulher, a cultura e a sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 10ª Ed. São Paulo: Loyola, 2004.

MAAS, Wilma Patrícia. *O cânone mínimo: O Bildungsroman na história da literatura*. São Paulo: EdUNESP, 2000.

ORTNER, Sherry. "Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura?" In ROSALDO, Michele & LAMPHERE, Louise (org.) *A mulher, a cultura e a sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

ROSALDO, Michele. "A mulher, a cultura e a sociedade: uma revisão teórica." In ROSALDO, Michele & LAMPHERE, Louise (org.) *A mulher, a cultura e a sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

SAFFIOTI, Heleieth. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. Petrópolis; Vozes, 1976.

SCHWANTES, Cíntia. *Interferindo no cânone: a questão do Bildungsroman feminino com elementos góticos*.s/d.

SUÁREZ, Mireya. "Desconstrução das categorias 'mulher' e 'negro'". In Série Antropologia 133: XV encontro anual ANPOCS. Caxambu, 1992.

TELLES, Lygia Fagundes. *As meninas*. 32ª Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.